

Ano/Edição	<p>citar um conjunto de máximo rneia dúzia de empresas que respondem por mais de dois terços das vendas realizadas. São empresas multinacionais com o apoio explícito dos países de origem nas suas pressões sobre as diversas nações que atuam nesse mercado como compradoras elou vendedoras. Numa palavra, torna-se fundamental entender que o grande cassino internacionalizado representado pelo capital volátil também interfere diretamente nas condições de negócios e nas possibilidades de inserção de cada nação no mundo globalizado. e nesse cassino. vale o poder econômico que impede apostas vencedoras contra a banca.</p> <p>Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo-SP</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<h2 style="text-align: center;">METRÓPOLE / CIDADE</h2> <p>Migrações e metrópoles</p> <p>Pablo C. Benetti; Carlos Vainer</p> <p>A partir da análise de estatísticas demográficas nas respectivas Regiões Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, o texto apresenta facetas do fenômeno migratório do campo para as cidades impulsionado pela modernização agrícola e as precárias condições de vida no campo, por um lado, e, por outro, pelo desenvolvimento industrial e as perspectivas de trabalho formal e melhores condições de vida na cidade. A análise ainda enfoca essa migração como um problema social e político.</p> <p>Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>Problemas e mitos na luta pela moradia</p> <p>Ermínia Maricato</p> <p>O agravamento da crise habitacional tem motivado muitos debates entre os militantes dos movimentos urbanos, sem que, entretanto, tenha surgido uma estratégia comum e lúcida de como enfrentar o problema. Com a intenção de contribuir para definição de estratégias políticas, vamos abordar três temas que frequentemente são tratados de forma isolada, podendo constituir mitos dados como indiscutíveis. O primeiro deles é o de que a intensa migração campo/cidade é a grande, quando não a única responsável pelos problemas habitacionais. O segundo diz respeito à defesa do acesso à terra como forma</p>

Ano/Edição	principal de obtenção da moradia e o terceiro trata do mutirão como a forma mais desejável de produção, não só da moradia, mas também da elevação da consciência popular. Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP
Título	Rio Branco, cidade menina
Autor/es	Sílvio Bez Birolo
Resumo	O artigo aborda o desenvolvimento urbano em Rio Branco-AC no contexto do êxodo rural interno no Acre e a contribuição dos mirantes para o desenvolvimento da capital acreana. Também aponta os processos sociais que contribuíram para a exclusão dessa população migrante em relação aos serviços de infraestrutura e saneamento básico nas periferias de Rio Branco.
Ano/Edição	Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP
Título	“Digo pro senhor, vida de peão não tem futuro” (Palavra do migrante)
Autor/es	Patrício Carvalho
Resumo	Depoimento
Ano/Edição	Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP
Título	Ocupação: a arma dos sem teto (Relato de experiência)
Autor/es	Lires Marques
Resumo	Relato de experiência
Ano/Edição	Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP
Título	SOS Acre – No Acre: alagação rima com exploração, que rima com eleição, que rima com expulsão, que por sua vez rima com migração (Reportagem)
Autor/es	Francisco Redante
Resumo	Reportagem
Ano/Edição	Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP
Título	Vamos à metrópole!
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano VIII, nº 23, set-dez/1995. São Paulo

Título	A mobilidade intra-regional na metrópole: consolida-se uma questão
Autor/es Resumo	<p>José Marcos Pinto da Cunha</p> <p>Ao que parece, a mobilidade interestadual que roubava a cena dos estudos migratórios das décadas anteriores foi progressivamente perdendo peso relativo para outras formas de deslocamentos populacionais relativamente menos visíveis em uma época quando a grande questão era a migração dos nordestinos ou mineiro para São Paulo, a ocupação das fronteiras agrícolas, etc. De fato, como será demonstrado, já na década de 70, algumas formas de deslocamentos intra-regionais começam a ganhar maior volume e importância relativa e, por conseguinte, passaram a figurar, mesmo que de maneira ainda tímida na agenda atual dos estudos migratórios. Tratam-se, na verdade, de deslocamentos populacionais de caráter permanente (migração intrametropolitana) ou diário (mobilidade pendular) que surgiram e ganharam força em decorrência do processo de expansão e (re)estruturação urbana, sobretudo nas áreas metropolitanas, alimentados pela tendência sustentada de concentração demográfica ao longo das décadas de 60 e 70. Dentro deste contexto, o presente artigo busca analisar alguns dos dados censitários disponíveis de forma a mostrar a importância crescente destes novos movimentos populacionais na dinâmica demográfica das Regiões Metropolitanas, em detrimento das históricas migrações interestaduais. Além disso, pretende-se apresentar algumas de suas características mais marcantes, para o que se recorre às informações da década de 70 já que até o momento não se dispõe de dados mais recentes. Também como forma de situar esta discussão, apresenta-se preliminarmente alguns antecedentes sobre a história migratória nacional, da qual o tema abordado é uma decorrência.</p>
Ano/Edição	Ano VIII, nº 23, set-dez/1995. São Paulo
Título	São os migrantes tradicionais?
Autor/es Resumo	<p>Cynthia Andersen Sarti</p> <p>É sabido que a significativa maioria da população pobre e trabalhadora da cidade de São Paulo é migrante. Suas vidas são o resultado da urbanização e industrialização do País, a partir dos anos 50, e da intensa migração que fez parte deste processo, sobretudo nos anos 60 e 70. Era o «sonho feliz de cidade», a promessa de dias melhores que alimentou o árduo</p>

Ano/Edição	deslocamento para o sul, em busca do Brasil moderno, cuja síntese perfeita estava em metrópoles como São Paulo. Sonho que forjou as periferias pobres das cidades. obrigando sua população a «chamar depressa de realidade», nas palavras de Caetano Veloso, o que se mostrou «o avesso do avesso» de seu sonho. Ano VIII, nº 23, set-dez/1995
Título	A reinvenção de Curitiba: pluralismo étnico e imagens de primeiro mundo
Autor/es	Maria Cecília Solheid da Costa
Resumo	Neste artigo pretendo indicar que, em tempos recentes, o resgate as origens estrangeiras e da composição multiétnica da população local é instrumental na sedimentação da imagem que associa Curitiba a uma cidade de Primeiro Mundo. Também que a visibilidade de grupos e de tradições étnicas diferentes no contexto das celebrações dos 300 anos da cidade expressa uma ideologia oficial da harmonia mas, ao mesmo tempo, implica reconstrução da identidade de curitibano e reelaboração da imagem de cidade-modelo.
Ano/Edição	Ano VIII, nº 23, set-dez/1995
Título	Uma face desconhecida da metrópole: os bolivianos em São Paulo
Autor/es	Sidney Antonio da Silva
Resumo	Neste artigo, a partir dos dados etnográficos coletados na cidade de São Paulo ¹ , propomo-nos a penetrar o nosso olhar para além do aparente brilho que caracteriza a metrópole paulista, na tentativa de apreendermos o vivido por um grupo de imigrantes, os quais, por um lado, não são reconhecidos socialmente, em razão dos vários estigmas que lhes são atribuídos pela sociedade local, e por outro, não existem enquanto cidadãos, porque são indocumentados ou clandestinos. Trata-se dos imigrantes bolivianos, mais especificamente dos bolivianos indocumentados que trabalham no ramo da costura. A partir da experiência de clandestinidade, estes imigrantes constroem estratégias de sobrevivência, e ao mesmo tempo, organizam-se socialmente, recriando os seus valores culturais em vista da construção de uma nova imagem social de si mesmos.
Ano/Edição	Ano VIII, nº 23, set-dez/1995

Título	Migrantes e vizinhos
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XIII, nº 38, set-dez/2000. São Paulo
Título	Brás, Moóca e Belenzinho: formação e dissolução dos antigos bairros “italianos” além-Tamanduateí
Autor/es	Margarida Maria de Andrade
Resumo	No final do século XIX, quando São Paulo apenas despontava no cenário urbano brasileiro, Brás, Moóca e Belenzinho incluíam-se entre os novos bairros que nasciam na capital pela concentração do contingente crescente de imigrantes que afluía à cidade uma vez iniciada a Grande Imigração, promovida pelo governo brasileiro no quadro de substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre. Além deles, devem ser citados, o Bom Retiro, a Barra Funda, a Água Branca, a Bela Vista, o Cambuci. Mas nenhum destes destacou-se como o conjunto formado pelo Brás, Moóca e Belenzinho. Destacou-se como maior concentração de imigrantes e de fábricas da cidade e destacou-se como núcleo de intensa vida própria, a ponto de merecer a designação de ‘outra cidade”, frequentemente atribuída ao conjunto até os anos de 1940. Mas, essa “outra cidade”, esse conjunto de bairros, que como os demais citados eram identificados como “italianos”, sofre, na segunda metade do século XX, um processo muito intenso de descaracterização, no sentido da dissolução de sua antiga identidade como bairros de imigrantes que, ao mesmo tempo que os distinguira na cidade, constituía elemento de redefinição da própria cidade.
Ano/Edição	Ano XIII, nº 38, set-dez/2000. São Paulo
Título	Urbanização, bairro e vida de bairro
Autor/es	Odette Carvalho de Lima Seabra
Resumo	Parece existir uma mística em relação ao bairro que o reintroduz na prática social como objeto de discurso. O bairro se torna cada vez mais portador de ideologia, com a qual, supostamente, seria possível produzir uma opinião visando determinadas práticas. Isto aparece, seja nos argumentos preservacionistas, visando qualificar um patrimônio, seja nos argumentos de segurança, visando o estabelecimento de territórios, Torna-se, portanto, necessário compreender qual é o estatuto do bairro na história urbana e porque tanto se evoca o bairro, Afinal, é preciso não deixar margem às ontologias e

Ano/Edição	nem às nostalgias. Impõe-se compreender a historicidade do bairro, Mostro, neste breve estudo, aspectos da formação dos bairros de além-T1etê em São Paulo e indico algumas das suas metamorfoses. Antes de tudo, firmo as premissas do meu raciocínio, relativas à urbanização, Ano XIII, nº 38, set-dez/2000
Título	As novas e velhas esperanças de uma comunidade em Florianópolis
Autor/es Resumo	Francisco Canella Comunidade de origem migrante, com passado militante e pobre. Um lugar que reúne essas características, em uma cidade como Florianópolis, pode nos colocar um conjunto de importantes questionamentos: de um lado, tal tipo de comunidade, tanto pela sua própria existência como pelas lutas que promoveu, aponta as contradições de um discurso acerca do desenvolvimento urbano de Florianópolis; de outro, permite a compreensão de uma peculiar dinâmica social estabelecida em uma comunidade de periferia urbana. É esse segundo aspecto que o presente artigo pretende abordar: como no contexto de lutas que denunciavam um discurso e apontavam alternativas para a cidade, foram produzidas específicas sociabilidades, e em que estado se encontram hoje. Examinar esse processo, considerando suas rupturas e permanências, é o objetivo desse artigo.
Ano/Edição	Ano XIII, nº 38, set-dez/2000
Título	São Miguel Paulisa dos “baianos”
Autor/es Resumo	Paulo Fontes Partindo do estudo de caso do bairro paulistano de São Miguel Paulista e da Nitro Química, grande fábrica ali localizada. esse artigo é parte de uma pesquisa de maior fôlego que. justamente, procura explorar as relações entre as tradições e costumes dos migrantes nordestinos de origem rural e o processo de formação da classe trabalhadora em São Paulo, particularmente nos anos 50. São Miguel Paulista e a Nitro Química são lugares particularmente interessantes para examinar essa questão. A grande maioria das operárias e operários da empresa era composta de migrantes nordestinos e, em consequência, São Miguel Paulista tornou-se (e é até hoje conhecido como) o primeiro “bairro nordestino” da capital paulista.
Ano/Edição	Ano XIV, nº 40, maio/2001. São Paulo

Título	Política de gestão urbana e mobilidade intrametropolitana – a migração como estratégia de inserção no mercado habitacional na região do Distrito Federal e entorno
Autor/es	Maria Célia Silva Caiado
Resumo	Apesar das especificidades, o processo de estruturação urbana e distribuição populacional do Distrito Federal e Entorno não pode ser dissociado dos processos de urbanização e desenvolvimento nacional. A configuração socioespacial resultante do processo de urbanização não poderia ser muito diferente daquelas encontradas nas demais metrópoles nacionais, uma vez que está submetida ao mesmo processo econômico (regime de acumulação) e à mesma formação social. No entanto, diferente de algumas das principais metrópoles nacionais, no DF, a formação da periferia não está associada à abertura de áreas industriais, igualando-se àquelas, entretanto, no que se refere à oferta de moradias para a população de baixa renda não desejada no interior das áreas centrais, ainda que a lógica que permeia o processo de urbanização da região seja baseada no modelo de desenvolvimento e no processo de urbanização característicos do período de auge da industrialização nacional. Além das especificidades relacionadas à estrutura intra-urbana da região, o processo de ocupação territorial do DF diverge daquele das demais cidades, aglomerações urbanas e regiões metropolitanas pela atuação diferenciada do Estado no controle desta ocupação, em função da propriedade pública de grande parte das terras urbanas. A propriedade pública da terra urbana, que poderia ter se constituído em instrumento distributivo, na verdade tornou-se o principal instrumento de ocupação seletiva, principalmente no processo inicial de ocupação no DF, propiciando a institucionalização da segregação socioespacial da população e a migração em direção aos municípios goianos limítrofes.
Ano/Edição	Ano XVII, nº 50, set-dez/2004. São Paulo
Título	A vida na rua sob o olhar de seus moradores
Autor/es	Renata Nogueira Fioroni; Ana Paula Leivar Brancaloni; José Marcelino de Rezende Pinto
Resumo	Diversos termos, como morador de rua, povo da rua, entre outros, são utilizados para se referir ao segmento social da população com baixa ou nenhuma renda e que de alguma forma habita (temporária ou definitivamente) os logradouros públicos da cidade (praças, jardins, viadutos, etc.), áreas

degradadas (casas abandonadas, galpões), ou pernoitam em albergues públicos (Simões, 1992). Atualmente, este grupo populacional é bastante heterogêneo e engloba vários sub-grupos que podem ser formados por homens e mulheres solitários e até famílias que transformam locais públicos em moradia. Há a existência de um outro grupo, que são os migrantes recém-chegados à cidade, que foram despejados, estão desempregados, ou ainda migram de um lugar para outro em busca de melhores condições de vida. Na rua misturam-se moradores “tradicionais” (mendigos, andarilhos), pessoas com menos tempo nessa situação (desempregados) e também aqueles que sobrevivem do mercado informal, como catadores de papelão, de latas de alumínio ou guardadores de carro (Rosa, 1994). Um cotidiano de violência, doença, solidão e morte - assim é a difícil vida das pessoas que fazem da rua seu local de moradia. Recessão, crise social e institucional, ausência de políticas públicas e falta de moradia são alguns pontos que fazem parte do contexto em que se insere o morador de rua (Simões, 1992). Dentro deste mesmo contexto, há pouca literatura que trata a questão deste segmento social, dificultando assim um estudo mais sistematizado e profundo a respeito do assunto. Não existem também dados estatísticos precisos sobre essa população (Rosa, 1994). Como exemplo, basta dizer que o Censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2000, não contabilizou as pessoas que vivem em situação de rua (Folha de São Paulo, junho de 2000). Com isso, essa população não é computada nas estatísticas oficiais da população brasileira, o que dificulta ainda mais a implementação de políticas públicas para este segmento da população.

Ano/Edição Ano XVII, nº 50, set-dez/2004. São Paulo

Título Espaço-urbano-migrante

Autor/es

Dirceu Cutti

Resumo

Editorial

Ano/Edição

Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo

Título Espaços divididos e disputados: relações sociais entre nativos e os “de fora” em Guariba-SP

Autor/es

Andréa Vettorassi

Resumo

Município de Guariba, região de Ribeirão Preto-SP. Na década de 50, há um primeiro cinturão, um transbordamento significativo dos limites históricos da cidade do café. Nesta

década, os primeiros migrantes nordestinos chegaram à cidade, força de trabalho para a nascente economia canavieira. Guido Garavello, empreiteiro e proprietário em Guariba, abriu um novo loteamento, o Bairro Alto, mais conhecido como João-de-Barro, porque a grande maioria de suas casas foi construída pelos migrantes nordestinos residentes no loteamento, que chegam anualmente à cidade em busca de trabalho no corte da cana. Suas casas não foram construídas da maneira tradicionalmente paulista (ou seja, “moderna”), mas com lajotas de barro, comuns nos estados nordestinos. O loteamento oferecia terrenos baratos, exageradamente parcelados e menores que os padrões vigentes. O objetivo estratégico do loteador era o de evitar a desvalorização da Vila Garavello, sua propriedade localizada mais ao centro da cidade, com uma possível ocupação dos terrenos adjacentes pelos migrantes nordestinos (Mendes, 1997: 143). Localizado na principal entrada de Guariba, o Bairro Alto é o “cartão de visitas” mencionado acima, representante das desigualdades sociais e econômicas propiciadas pela modernização das usinas de cana-de-açúcar. A infra-estrutura do bairro é bastante precária e distinta do resto da cidade². Por ser um espaço diferenciado de todos os outros, é que o Bairro Alto pode ser considerado um campo autônomo, um espaço social marcado pelas relações sociais horizontais, como também pelas relações e lutas verticais entre as classes. Para os moradores mais antigos de Guariba, é o bairro em que vivem os “invasores”, a gente de maus costumes, violenta e responsável pela desordem urbana. Este artigo objetiva trazer à tona, baseado na metodologia da História Oral e em dados quantitativos, os tipos de relações sociais existentes entre os guaribenses e os grupos migrantes, ambos parte fundamental da figuração social de Guariba. Percebemos, a partir das entrevistas realizadas, que estas relações não raro são permeadas por estigmas (Goffman, 1988) e violência simbólica (Bourdieu, 1989), questões que buscamos revelar neste estudo.

Ano/Edição

Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo

Título

Migraciones, espacios urbanos y hospitalidad

Autor/es
Resumo

Juan de la Haba; Enrique Santamaria

Las migraciones internacionales que tienen hoy por destino la geografía hispana nos han llevado a replantearnos, entre otras cosas, las relaciones que los seres humanos mantenemos con y

<p>Ano/Edição</p>	<p>em las ciudades contemporáneas. En éstas, la heterogeneidad sociocultural no sólo se ha convertido en un tema de interés y debate público, sino que constituye un principio organizativo básico. Con ello no queremos decir que aquella sea una novedad propia de las actuales metrópolis, pues, somos conscientes de que es consustancial a la morfología de la ciudad, sino que aquí queremos ceñirnos específicamente a esos entornos urbanos que hoy tienden a calificarse de “multiculturales”, principalmente a partir de la presencia y circulación de una amplia gama de migrantes extranjeros que son distinguidos — por ambigua y problemática que sea esta distinción — de la denominada población autóctona. En estas páginas, queremos ocuparnos de esa antigua institución que es la hospitalidad en relación con las migraciones y los espacios urbanos; una institución que, a lo largo de la historia ha trabajado de manera diversa, aunque muy frecuentemente reducida a la condición de mera virtud, “el interior de la sociedad como una fuerza corrosiva” (Schérer, 1993). Con este fin, partiremos inicialmente de las formas más persistentes y equívocas de representar las cuestiones urbanas en relación con los procesos migratorios, esbozaremos después una crítica de lo que hemos dado en llamar razón espacial, para, finalmente, apuntar algunas consideraciones sobre cómo pensar hoy en día la hospitalidad en relación con la recepción y el encuentro entre sujetos, sean estos o no “Inmigrantes”.</p> <p>Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>O urbano entre a direita e a esquerda, o público e o privado: a rua negada como possibilidade à vida</p> <hr/> <p>Ricardo Baitz</p> <p>Quem não tem casa mora debaixo da ponte é o que expressa um antigo ditado popular. Ele remonta a uma época em que a cidade, aparentemente, existia para todos, desde os mais afortunados, com seus palacetes, até aos mais pobres, carentes inclusive de um teto. Época em que o “viver em condições precárias” era entendido como algo passageiro, já que as dificuldades de fixação decorrentes da pobreza se ajustariam com a cidade crescendo e fornecendo mais empregos e moradias. De lá até o momento em que este texto é escrito, muito aconteceu; mas o principal é que a cidade cresceu em ritmo acelerado, e também foi aceleradamente</p>

Ano/Edição	<p>que mais pessoas passaram a viver nas ruas, e não só embaixo dos viadutos e pontes. Enfim, tornou-se cada vez mais comum pessoas desempregadas se verem sem perspectiva outra senão irem, com a família, morar com parentes ou na rua. Também se tornou muito mais difícil escapar à última: as pessoas que conseguiram sair da rua, normalmente o fizeram com muita ajuda humanitária externa, prestada por pessoas e entidades de apoio, como a Igreja. Enfim, mudou o tempo, e com ele os conteúdos sociais, que é o assunto deste artigo.</p> <p>Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo</p>
Título	A reterritorialização dos migrantes nordestinos em Rio das Pedras
Autor/es Resumo	<p>Luciano Ximenes Aragão</p> <p>Rio das Pedras é uma comunidade localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, na Baixada de Jacarepaguá, situada entre a opulenta Barra da Tijuca, o maciço da Tijuca e o Anil. Na recontagem de 1996, feita pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, essa localidade apresentava 7.439 domicílios e 24.581 habitantes. Para a Prefeitura e para o presidente da Associação de Moradores, ultrapassa 65 mil residentes. Segundo pesquisa realizada pelo Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, 60 % dos moradores de Rio das Pedras são migrantes. Sugere-se, desse modo, que uma parte significativa dos outros 40% sejam filhos de migrantes, a segunda geração. É uma comunidade de formação recente, tendo suas primeiras ocupações iniciadas no final dos anos cinquenta (do século XX), sendo que o período de maior crescimento populacional e expansão territorial ocorreu nos anos 1980 e 1990, revelando as dificuldades do poder público frente à crise habitacional que atinge a cidade. Também indica que o crescimento das comunidades de baixa renda não é alimentado exclusivamente pelos fluxos migratórios, na medida em que houve sua redução nas últimas décadas, para o caso do Rio de Janeiro. Reconhecida como “uma comunidade de nordestinos”, Rio das Pedras apresenta ainda como especificidade o fato de se manter livre da “violência” desencadeada pela territorialização do tráfico de drogas; isto é reiteradamente indicado pelas lideranças locais e pelos seus moradores, além de amplamente divulgado nos meios de comunicação.</p>
Ano/Edição	Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo

Título	Economia, urbanização e novas territorialidades no desenvolvimento de São Paulo
Autor/es	Carlos A. Brandão; Cláudio Schuller Maciel; Fernando César de Macedo
Resumo	O objetivo deste texto é apresentar a evolução demográfica e urbana recente no estado de São Paulo, a partir de transformações econômicas que criaram novas territorialidades, tornando a rede urbana paulista muito mais adensada e complexa. Encontra-se dividido em quatro partes, além desta sumária apresentação. Na primeira, são descritos aspectos do crescimento demográfico e urbano recente, destacando processos de desconcentração demográfica, seja no sentido metrópole-interior, seja pela própria periferação das metrópoles estaduais (São Paulo, Santos e Campinas). Na segunda, discute-se a interiorização do desenvolvimento paulista; na terceira, as mudanças na distribuição espacial da indústria que impactaram a rede urbana estadual. Por fim, uma breve nota sobre a evolução recente da agropecuária que também promoveu um avanço na urbanização do interior.
Ano/Edição	Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo
Título	O migrante e a cidade: enraizamento e/ou desenraizamento
Autor/es	Hidelberto de Souza Ribeiro
Resumo	Este artigo discute a dinâmica de modernização que veio sendo implementada nas últimas quatro décadas na Amazônia Legal, e os impactos em suas populações, em especial, as populações de trabalhadores rurais (lavradores e posseiros) e indígenas, vítimas de expulsão, violência e migração. Mostra também que, nesse processo, o estado age de maneira contraditória, pois, ao mesmo tempo em que, de um lado, aparece como um agente dinamizador dessa modernização, ao implementar obras de infraestrutura, financiar projetos agropecuários, distribuir subsídios fiscais e terras, tudo no sentido de atrair pessoas interessadas em investir naquilo que hoje se conhece por agronegócio, por outro lado, esse mesmo Estado configura-se como um agente omissor ao permitir que madeireiros, especuladores, grileiros, fazendeiros e empresários rurais apropriem-se de terras devolutas fazendo uso da força, da violência, da pistolagem, do constrangimento e da morte sem que, nada em absoluto, lhes aconteça (Martins, 1996; 1995; 1993; 1989; 1988a: 1988b•, 1985; 1983; 1982).
Ano/Edição	Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo

Título	Primeira impressão – o Rio de Janeiro visto por quem nele chegou de navio
Autor/es	Zoy Anastassakis
Resumo	Tomo a situação de chegada como um momento em que a falta de domínio da linguagem verbal cria uma situação 'boa para pensar' como se dá a comunicação em contextos atípicos. No texto, atento também para a questão das felicidades e infelicidades (nos termos de Austin, 1962) vividas no momento de chegada, para a observação de como se opera a percepção e a adaptação a um mundo estruturado diferentemente do da 'terra natal'. Ou seja, busco refletir sobre os modos como as pessoas operam os deslocamentos de sentido que experimentam a partir da imigração.
Ano/Edição	Ano XX, nº58, maio-ago/2007. São Paulo
Título	O núcleo colonial Antônio Prado e as origens da segregação urbana em Ribeirão Preto
Autor/es	Adriana Capretz Borges da Silva Manhas; Oswaldo Mário Serra Truzzi
Resumo	Embora um povoado tivesse começado a se configurar com a demarcação do patrimônio de São Sebastião em 1856, o desenvolvimento urbano realmente significativo em Ribeirão Preto teve início apenas no último quartel do século XIX, quando a expansão cafeeira atingiu as 'terras roxas' e os cafeicultores paulistas impuseram-se sobre os antigos pecuaristas mineiros que detinham a posse do solo. Se nos primeiros tempos todas as atividades urbanas se concentraram na região central, uma primeira expansão ocorreu já no ano de 1887, com a criação do núcleo colonial Antônio Prado. Apesar das características favoráveis ao seu progresso - formado de imigrantes, em sua maioria, italianos, com profissão urbana e pecúlio para aquisição do lote no novo país — este núcleo teve sua área desvalorizada diante do restante da cidade, dando origem aos territórios de pobreza da zona norte de Ribeirão Preto. Concebido para constituir um 'viveiro de mão-de-obra' para as lavouras de café que atingiram a região, bem como de provê-la de gêneros de subsistência, que eram caros e escassos na época, acabou servindo à burguesia dominante como depositário de tudo o que ela desejava esconder: fábricas, hospitais e agentes de contaminação, animais e, sobretudo, pessoas pobres, incluindo operários e imigrantes. A sociedade receptora os desejava para o trabalho, mas os rejeitava para o convívio social. O isolamento espacial causado pela dificuldade

Ano/Edição	de acesso, infra-estrutura urbana precária e presença de equipamentos urbanos indesejáveis foi responsável pelo isolamento da área que, ao longo dos anos, transformou-se em “outra cidade” dentro de Ribeirão Preto. Ano XXI, nº 62, set-dez/2008. São Paulo
Título	Migração e segregação urbana: estudos de caso em uma cidade metropolitana (Canoas-RS)
Autor/es Resumo	Cleusa Maria Gomes Graebin; Danielle Heberle Viegas Ao refletir sobre a formação da cidade de Canoas, situada na Região Metropolitana de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul (Brasil), nos reportamos a um mosaico. A cidade, hoje uma referência por sua localização estratégica e seu parque industrial, encontra no fenômeno da migração uma de suas principais características históricas. Canoas tem acolhido em diferentes momentos de sua constituição, seja como vila do município de Gravataí ainda no século XVIII, ou como cidade emancipada a partir da década de 1940, diferentes fluxos de migrantes: contingentes de europeus em fuga dos cenários das duas grandes guerras mundiais; contingentes saídos da zona rural e de pequenos núcleos urbanos do Estado; migrações em modalidades mais curtas, intrametropolitanas. O elo é a busca de trabalho, melhores condições de vida e nas últimas décadas, moradia, com a participação de indivíduos e famílias nos movimentos de ocupação de espaços irregulares. A intensificação das migrações para a cidade deu-se a partir da segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, na esteira do processo histórico da globalização no qual se inseria o Brasil e no da urbanização vertiginosa quando se formavam grande parte das cidades metropolitanas do país. Assim, ao estudar Canoas, confirma-se a tendência de pensar os fenômenos sociais da migração/urbanização/metropolização em perspectiva entrelaçada. E a partir desse eixo temático que fluem as reflexões que fazemos nesse trabalho cuja origem está nas pesquisas desenvolvidas nos projetos Canoas: para lembrar quem somos ¹ e Festas de origem açoriana no Rio Grande do Sul ² . São dois estudos de caso com os quais pretendemos contribuir para as reflexões sobre migrações no Brasil. A porta de acesso são as memórias de migrantes, decodificadas a partir de depoimentos orais.
Ano/Edição	Ano XXI, nº 62, set-dez/2008. São Paulo

Título	(Des) caminhos da migração pendular na metrópole do Rio de Janeiro – uma perspectiva a partir dos eixos de transporte
Autor/es	Luciano Ximenes Aragão
Resumo	O presente texto procura demonstrar que o deslocamento diário da população não deve ser visto como algo mecânico. Na própria mobilidade, os trabalhadores urbanos lançam mão de estratégias que permitem a articulação de distintas modulações da vida e revelam que o corpo se apresenta como estratégia de acumulação. Não obstante, em alguns momentos particulares, o par dialético mobilidade/imobilidade assume contornos mais precisos.
Ano/Edição	Ano XXII, nº64, maio-ago/2009. São Paulo
Título	La città abbandonata: dove sono e come cambiano le periferie italiane. (Resenha) Mauro Magatti (org.)
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo
Título	Renda e migração na Região Metropolitana de Belo Horizonte
Autor/es	Thiago Canettieri
Resumo	As migrações intrametropolitanas representam importante elemento de análise para compreensão da expansão urbana das metrópoles brasileiras. Este artigo tem por objetivo apresentar a análise da função que a renda desempenha na decisão da migração intrametropolitana no contexto da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Com base nas informações censitárias disponibilizadas pelo IBGE para os Censos de 2000 e 2010 foram consideradas as migrações no contexto interno da região metropolitana, sendo considerado o fluxo migratório da cidade principal (Belo Horizonte) para os outros municípios e o fluxo dos outros municípios para a cidade principal, organizando as informações de acordo com a renda. Os resultados encontrados tanto para 2000, quanto para 2010, mostram que Belo Horizonte experimenta saldos migratórios diferentes, que variam de acordo com a renda.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo